



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de conclusão da primeira etapa das obras de ampliação e modernização da Refinaria Getúlio Vargas (Repar) e inauguração da Unidade de Propeno

Araucária-PR, 12 de março de 2010

Meus queridos companheiros e companheiras do estado do Paraná,
Meus queridos companheiros e companheiras da Petrobras,
Meu caro companheiro Roberto Requião, governador do estado do Paraná,
Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,
Meu caro companheiro Paulo Bernardo, ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão,
Meu caro companheiro Orlando Pessuti, vice-governador do estado do Paraná,
Meu caro companheiro Márcio Zimmermann, secretário-executivo do Ministério de Minas e Energia,
Meus caros companheiros senadores Flávio Arns e Osmar Dias,
Meus caros companheiros deputados federais André Zacharow, André Vargas, Angelo Vanhoni, Dr. Rosinha, Marcelo Almeida, Rodrigo Rocha Loures, Takayama e Wilson Picler,
Meu caro Albanor José Ferreira, prefeito de Araucária, em nome de quem cumprimento todos os prefeitos da região, aqui presentes,
Meu caro Rui Sérgio Alves de Souza, presidente da Câmara Municipal de Araucária,
Meu caro companheiro José Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras,
Demais companheiros diretores da Petrobras, aqui presentes,



Meu caro Jorge Samek, presidente da Itaipu Binacional,
Meu caro Rodrigo Loures, presidente da Federação das Indústrias do
Paraná,

Meu caro companheiro Roney Anderson Barbosa, representante dos
trabalhadores da Repar,

Meu caro companheiro Silvanei Bernardes, presidente do Sindicato dos
Trabalhadores Petroleiros do Paraná e Santa Catarina [Sindicato dos
Petroleiros do Paraná e Santa Catarina],

Meus companheiros e minhas companheiras,

Meu caro companheiro Domingos Oliveira Davide, presidente do
Sindicato dos Trabalhadores da Construção de Estradas e Pavimentação,

Meu caro Antonio Lemos do Prado, presidente do Sindicato dos
Trabalhadores de Montagem Industrial,

Meus companheiros,

Minhas companheiras,

Companheiros da imprensa,

A nominata está, realmente, muito grande. Mas, eu tenho um discurso
refinado... Estou olhando na cara de vocês e estou percebendo que alguns,
como eu, já estão com fome e que é importante falar pouco, porém, falar o
necessário aqui para os nossos companheiros.

Olha, eu queria, primeiro, dizer para vocês que eu estava no ônibus, e
um companheiro da Petrobras, designado pela direção da Petrobras, com uma
placa aqui “Brigadista” – deve ser um chefe aí – estava fazendo uma exposição
para a gente do significado do investimento, o que representa cada coisa que
está acontecendo aqui, e me dizia da entrevista coletiva que ele foi dar para a
imprensa ontem e a preocupação de alguns companheiros da imprensa em
saber o que o Presidente vinha fazer aqui, inaugurar uma pequena planta de
propileno [propeno], porque isso aqui só vai ficar pronto totalmente em 2012.



E, de vez em quando, acontece essa pergunta. Eu até fiz uma brincadeira esses dias, que foi uma brincadeira que aconteceu um fato que eu não sabia. Eu disse que nesta época do ano tem gente inaugurando até maquete. Mas eu não sabia que o governador de São Paulo tinha ido inaugurar uma maquete, e ficou como se eu soubesse; eu não sabia. Eu falei porque isso faz parte da cultura política do País. Eu conto sempre, eu conto sempre que quando eu morava num bairro muito pobre, em São Paulo, daqueles que não tinha asfalto, não tinha meio-fio, não tinha guia, não tinha sarjeta, eu lembro que na época da eleição passavam uns caminhões distribuindo poste e aquela sarjeta, na rua. Aí, passavam as eleições, o caminho ia lá e recolhia tudo e levava embora. Era assim.

Agora, ao mesmo tempo, eu acho que é importante vocês saberem por que um presidente da República precisa viajar o Brasil e visitar as obras. Porque a gente aprende dentro de casa que quem engorda o porco são os olhos do dono. Se o Presidente da República, se um governador de estado, se o prefeito de uma cidade não colocam o pé na rua para visitar as coisas que estão acontecendo no Brasil, muitas vezes, quando eles pensam que aconteceu, não aconteceu.

E esta obra é muito importante para o Brasil, porque, primeiro, pela quantidade de empregos que esta obra está gerando agora – aproximadamente 15 mil empregos –, e pelo que vai gerar lá para o mês de junho, que pode chegar a 25 mil empregos. E eu estou aqui com muito orgulho, porque não faz muito tempo, pouco tempo atrás, eu recebo a notícia de que a Petrobras iria ter que mandar embora 27 mil trabalhadores, dos quais 11 mil que trabalhavam aqui, porque o Tribunal de Contas tinha mandado para o Congresso Nacional, para a Comissão de Orçamento, um aviso de que tinha suspeita de irregularidade na obra e que, portanto, essa obra tinha que ser suspensa. Essa, o Comperj, no Rio de Janeiro, a refinaria Abreu e Lima, lá em Pernambuco e, ao todo, iriam ser mandados embora 27 mil trabalhadores.



Eu pensei, primeiro, que eu tinha certeza que eu tinha a solidariedade dos companheiros governadores de estado, que não iam permitir que 27 mil trabalhadores fossem mandados embora. Depois, conversei com os deputados da Comissão de Orçamento, e também tinha certeza que ia ter a compreensão deles de que a gente não poderia mandar embora 27 mil trabalhadores. Se tem que fazer investigação, que faça, se tem que apurar, que apure, mas não vamos fazer com que um trabalhador, um brasileiro, que está levando pão para sua casa, fique desempregado porque alguém suspeita que alguma coisa está acontecendo. E fui convencido a vetar, no Orçamento da União, a parte que acusava a Petrobras.

Agora, veja que engraçado, Flávio Arns, você que estava no Senado, e Osmar Dias, que estava no Senado. Isso, na verdade, era para ter sido aprovado. Não foi aprovado por um descuido. Primeiro, porque um senador esqueceu de ir votar. Eu estava na região dele e lembrei que ele tinha que votar e ele foi. E o outro companheiro que ia votar, ele assinou lá, ou deu comparecimento e foi jantar e, na hora da janta, é que colocaram em votação, ou seja, não tem, não tem... Um presidente da República não pode se submeter a esse tipo de coisa se o resultado final é prejudicar alguém que não tem nada a ver com isso.

E, hoje, quando eu desci do ônibus aqui, que vi o olhar - me desculpem - dessa peãozada, como eu gosto de tratar, eu sinto orgulho, porque não tem nada, não tem nada mais sagrado na vida de um homem ou de uma mulher, [do que] ganhar, com o suor do seu sangue, o pão de cada dia da sua família.

E é isso, é isso que muita gente não quer compreender no País. É isso que muita gente, às vezes, eu tenho a impressão que torce para que as coisas não deem certo. Tem gente que até hoje ainda não está convencida de que eu deveria ser presidente da República. Tem gente que olha e fala: “Por quê? Por que esse pobre metalúrgico? Por que esse torneiro mecânico ser o Presidente? Por que a crise não arrebentou o Brasil? Por que é que foi ele que foi ganhar



as Olimpíadas para o Brasil? Por que é que foi ele que mandou o FMI embora?” Tem muita gente que até hoje não se “tocou” que este país mudou, e ele mudou não apenas do ponto de vista econômico, do ponto de vista das oportunidades para a sociedade. Ele mudou, meus companheiros, porque nós aprendemos a gostar de nós. Ele mudou porque nós não queremos ser tratados como cidadãos de segunda categoria. Nós não queremos mais aquele tempo em que uma senhora ou um senhor do FMI descia no Galeão, no Rio de Janeiro, ou em Cumbica, lá em São Paulo, dizendo o que a gente tinha que fazer na nossa economia. Ele mudou porque mais gente pobre está indo para a universidade. Ele mudou porque tem mais formação profissional. Ele mudou porque, enquanto na Europa, no ano passado, se perdeu 7 milhões de postos de trabalho, enquanto nos Estados Unidos se perdeu 7 milhões de postos de trabalho, nós, no ano passado, no ano maior da crise, geramos 950 mil novos postos de trabalho neste país. E este ano, em janeiro, já geramos 181 mil novos empregos com carteira assinada.

No auge da crise, quando alguns faziam manchete dizendo que o mundo ia acabar, que o trabalhador não queria comprar, eu tive a coragem de ir para a televisão, no dia 22 de dezembro, fazer um pronunciamento, fazendo uma convocatória para o povo brasileiro consumir. E dizia, em alto e bom som: se você, trabalhador, não quer fazer dívida porque está com medo de perder o emprego, se você não comprar, você vai perder o emprego, porque a loja não vai comprar, não vai vender, a empresa não vai produzir, e aí é que a coisa vai ficar feia. Graças a Deus, foi exatamente o mercado interno brasileiro, a coragem do povo brasileiro que fez com que o Brasil fosse o país que menos sofresse a crise e que saiu primeiro dela.

Ontem saiu o resultado do PIB de 2009. Eu vi a cara de algumas pessoas, na televisão, falando do PIB. Alguns tinham até a ponta de um sorriso: “Finalmente, finalmente, nós pegamos o Lula, porque o PIB dele não cresceu.” Hoje, hoje fazem comparação até com o marechal Deodoro da



Fonseca.

E eu queria dizer uma coisa para vocês. Eu não sei como é que vocês passaram o ano passado, mas se tem um país em que o povo brasileiro não vivenciou a crise, foi este aqui, porque o consumo por família cresceu 4,1%. Significa que as mulheres e os homens deste país continuaram comprando aquilo que tinham que comprar. O que aconteceu no Brasil, e nós sabemos que aconteceu de forma brusca e de [por] medo, foi que alguns setores empresariais ficaram com muito medo e deram um “cavalo de pau” nos seus investimentos. A indústria automobilística, por exemplo, deve ter recebido orientação da matriz, e como na Alemanha e nos Estados Unidos a coisa estava muito feia, eles resolveram colocar o pé no breque a todo vapor. Ela representa 24% do produto industrial brasileiro e, por isso, nós tivemos uma queda muito brusca entre outubro, novembro, dezembro, janeiro e fevereiro.

Todo mundo se lembra quando o crédito desapareceu neste país. Nem um empresário que fosse cliente há 30 anos de um banco conseguia ter empréstimo no banco. Foi exatamente o governo que resolveu tomar a decisão de fazer o Banco do Brasil comprar mais bancos, para que ele pudesse ter mais crédito para a gente poder reativar a economia brasileira.

Eu vou contar um exemplo para vocês: o Banco Votorantim tinha uma carteira de carros usados de R\$ 90 bilhões. Esse Banco tinha parado de financiar carros. E todo mundo sabe que se não financia o carro velho, não tem carro novo. Tem gente que pode comprar três carros novos, mas a maioria do povo tem que vender o seu sapatinho velho para comprar o sapatinho novo. Pois bem, o que nós fizemos? Compramos 50% do Banco Votorantim para que a gente pudesse continuar financiando carros usados, e reativar a indústria automobilística brasileira.

O que aconteceu de lá para cá? Desde março, a indústria automobilística brasileira vem batendo recorde atrás de recordes. Desde março, a construção civil brasileira vem crescendo a todo vapor, e nunca, e há



muito tempo, a gente não tinha a quantidade de investimentos que a gente tem na construção civil, em todas as áreas: grandes, pequenas e médias, grandes pequenas e médias. E investimentos que vão desde o Minha Casa, Minha Vida a saneamento básico, a hidrelétricas, a ferrovias e a grandes rodovias neste país. Então, eu estou dizendo isso porque um investimento como este é uma garantia extraordinária de geração de empregos para uma parte dos trabalhadores, pelo menos até 2012.

Se dependesse só da Petrobras... a Petrobras é uma empresa, ela tem muita gente especialista lá, que faz cálculos, que faz estudo de viabilidade econômica. A Petrobras não tinha tanto interesse em fazer novas refinarias. Por que ela está gastando, então, 5 bilhões, e uma parte desse dinheiro é para melhorar a qualidade da gasolina e a qualidade do óleo diesel? É porque a gente não tem noção do ar que a gente respira. O ar que a gente respira tem muito teor de enxofre. E se a Petrobras quiser vender gasolina ou óleo diesel lá fora, ela tem que diminuir a quantidade de enxofre por partícula. Hoje, quanto que é o óleo diesel? Duas mil partículas por milhão? Nós precisamos reduzir para cinquenta. E a gasolina, que são 500, nós precisamos reduzir para cinquenta. O óleo diesel é mil, hoje. Isso é coisa que nós respiramos e, portanto, nós queremos melhorar a qualidade, para que melhore a vida do povo brasileiro e para que a gente possa vender a nossa gasolina e o nosso óleo diesel também para outros países, que precisam e exigem uma qualidade melhor do que a nossa.

Mas, mais importante ainda é que, além desses investimentos, se a gente imaginar investimentos como este na Reduc do Rio de Janeiro; em São José dos Campos; na Replan, em São Paulo; no Rio Grande do Sul, na verdade, devem ser uns US\$ 12 bilhões ou mais que a Petrobras está fazendo investimento. Além das refinarias novas, uma de 600 mil barris/dia, outra de 300 mil barris/dia, e a de 200 mil barris/dia, lá em Pernambuco, mais uma pequena no estado do Rio Grande do Norte.



E a Petrobras está fazendo essas refinarias porque este país resolveu se transformar numa grande economia. Este país não quer ser mais visto ou tratado como se fosse uma coisinha insignificante, em que tudo dos outros é melhor do que o que a gente faz.

Eu aprendi quando era dirigente sindical: ninguém respeita quem não se respeita. A condição básica para você se respeitar para você ser respeitado pelos outros, é você se respeitar. Se você é uma pessoa banal, se você não respeita as pessoas, se você não se respeita, se você tem uma vida conturbada, ninguém vai te respeitar.

Quando eu fui eleito diretor do Sindicato a primeira vez – era delegado de fábrica, dona Dilma –, eu achei que pelo fato de eu pegar a carteirinha do Sindicato, eu podia tudo. A primeira confusão que eu tentei armar, peguei três dias de suspensão, e aí eu aprendi uma coisa: os trabalhadores não me elegeram para ser um bagunceiro. Os trabalhadores me elegeram para eu ser o representante deles e, portanto, eu tinha que estar mais qualificado do que eles, para poder representá-los.

E é isso o que o Brasil aprendeu. O Brasil aprendeu a se respeitar. Hoje o Brasil é um dos países mais respeitados no mundo, e é respeitado pelo comportamento de cada um de vocês. Não é respeitado apenas pelo comportamento do Presidente da República. É respeitado pela grandeza de uma Petrobras que, a cada dia que passa, vira uma empresa mais valorizada e de maior importância internacional, é valorizada por outras empresas brasileiras, é valorizada pela política externa brasileira. Antigamente a gente ficava subordinado apenas à União Europeia e aos Estados Unidos. Hoje nós temos relação com todo o mundo porque diversificamos a nossa relação. O José Sergio Gabrielli sabe o quanto eu cobro dele: José Sergio, a Petrobras tem que ir para a África, a Petrobras tem que ir não sei para onde. Por quê? Porque ela precisa disputar com as maiores. Uma empresa que detém a tecnologia que a Petrobras detém não pode se sentir menor do que nenhuma



empresa do mundo. Ela está qualificada para disputar qualquer espaço com outras empresas.

Então, este momento, este momento é um momento gratificante para um presidente da República, e sobretudo para um brasileiro, e sobretudo para alguém que veio do mundo do trabalho para dirigir este país. Eu sei a importância do que esta cidade [refinaria] representa para a sua cidade, prefeito. Se são verdade os números, que 80% do pessoal é do Paraná, e desses, 80% são da cidade... eu não sei como é que está a demanda por casas aqui na cidade, não sei como é que está a demanda por pão, por estacionamento, não sei como é que está o supermercado. Eu, olhando na cara das pessoas, eu posso dizer: acho que nunca houve um momento como este em Araucária, nunca houve um momento como este.

Então, companheiro José Sergio Gabrielli, você que é o meu presidente da Petrobras, companheiro de mais de 30 anos de amizade, companheiro que quando eu indiquei para tesoureiro da Petrobras, diziam para mim: "Você é louco, você é louco, você vai indicar esse baiano para a Tesouraria? Ele não entende nada." Diziam assim: "O mercado não vai gostar." É verdade, "o mercado não vai gostar." Eu nem sabia quem era o mercado! Eu imaginava: o que o mercadinho lá da minha vila tem a ver com o José Sergio Gabrielli? Aí, eu indiquei o José Sergio Gabrielli. Um ano depois, ele foi eleito o melhor diretor financeiro de todas as empresas de petróleo do mundo. Aí eu fui indicá-lo presidente. Outra vez: "O mercado não vai gostar, o mercado não vai gostar". Não só não gostou [gostou], que a Petrobras hoje vale mais, umas dez vezes, do que ela valia quando nós chegamos ao governo. Homens como este, com quem a gente tem afinidade ideológica, com quem a gente pode discutir e dizer: Olha, companheiro, você não pode pensar apenas nos interesses da Petrobras. Você tem que pensar no País. A Petrobras pode deixar de ganhar 10 milhões, mas o Brasil pode ganhar 100. Foi assim que a indústria naval... Aqui, meu caro Requião, eram 100% das plataformas encomendadas em



Cingapura, na Coréia, na Noruega e não sei mais diabo onde. Eram 100% dos navios, cada uma sonda daquela custa quase US\$ 2 bilhões. Nós começamos uma briga em 2002 – eu não era presidente ainda – para provar que a engenharia brasileira tinha competência de fazer as plataformas aqui.

Hoje, nós recuperamos a indústria naval brasileira, ela já tem por volta de 50 mil trabalhadores; já não tem mais estaleiro apenas no Rio de Janeiro, tem estaleiro em Pernambuco, no Rio Grande do Sul, em São Paulo, vai ter na Bahia, vai ter no Ceará, vai ter no Paraná. Por quê? Porque são 500 navios que nós precisamos contratar, entre navios grandes, navios médios e navios pequenos; porque são muitas sondas e muitas plataformas. Ainda não se encontrou mergulhador para ir buscar o petróleo a 7 mil metros de profundidade, vai ter que ser sonda mesmo.

Vocês aqui... eu estou vendo uma japonesinha aqui... Se a Petrobras começar a cavar buraco muito fundo, vai trazer um japonêsinho na ponta da broca, qualquer dia desses. Então, é bom parar nos 7 mil metros, nos 7, 8 mil metros.

Então, vejam: nós agora temos uma coisa importante, chamada pré-sal. É muito petróleo que nós achamos a uma profundidade muito, muito, mas muito... 7 mil metros de profundidade. Imaginem, 2 mil metros de água, depois 3 mil metros de rocha, depois 2 mil metros de sal. Imaginem onde se vai buscar esse petróleo. Petróleo de qualidade, é um petróleo fino, 32API, até agora, o que nós encontramos, não é isso? 32API é petróleo de qualidade. Falta um pouquinho para ser gasolina já refinada ou óleo diesel.

Nós não queremos fazer desse [utilizar esse] petróleo apenas para exportar para os países consumidores, nós queremos utilizar uma parte desse petróleo para cuidar do povo brasileiro, para cuidar. A palavra correta é cuidar, e pagar a dívida que a gente tem, primeiro, com a educação deste país. Nós precisamos investir uma parte desses recursos para cuidar da educação deste país. Uma parte desse recurso para cuidar do investimento em ciência e



tecnologia, porque daqui para frente a gente não vai ser apenas exportador de *commodities*, de soja, de suco de laranja ou de açúcar, ou de etanol, ou de minério de ferro. Não. Nós queremos exportar tudo isso, mas nós queremos exportar é inteligência, é conhecimento, porque é isso que coloca valor agregado e dá estabilidade e respeitabilidade a um país.

Com uma outra parte desse dinheiro a gente quer cuidar da questão ambiental. Hoje, a questão ambiental é cada vez mais importante. O homem está se dando conta de que ou ele cuida da terra, ou a terra vai cuidar dele. Nós vimos o que aconteceu no Haiti, nós vimos o que aconteceu no Chile. Nós estamos vendo lugares em que não tinha... que não enchiam de água nunca, enchendo d'água; lugares em que não tinha seca nunca, tendo seca. Então, nós precisamos perceber que alguma coisa de errado já foi feita e que nós, então, precisamos consertar.

E uma outra parte desse dinheiro é para cuidar da questão, também, de investimento em cultura. Um país não fará a revolução social que precisa se não tiver investimento em cultura. Nós “quer comer”, é verdade. Nós “quer até mamar deitado”, é verdade. Mas a gente também quer cultura. A gente quer ter acesso à arte, a gente quer ter acesso a cinema, a teatro, ou seja, nós queremos poder participar da vida deste país. É por isso que esse investimento é importante.

Agora, Prefeito, um comunicado e um aviso: muito cuidado, muito cuidado, porque se não houver uma boa política, se não tiver um bom projeto e um plano diretor para uma cidade como esta, o que é um benefício vira uma desgraça, porque o resultado disso é que se não cuidar do planejamento, daqui a pouco nasce uma favela, duas favelas, três favelas, e quando terminar o investimento, o estado tem um problema social muito sério para resolver. Então, é importante combinar, neste momento, os programas habitacionais... Eu acho, companheira Dilma, que é importante – nós estamos finalizando o programa Minha Casa, Minha Vida para o segundo PAC – é importante que a



gente leve em conta situações anômalas como esta, de cidades que estão tendo um grande pico de desenvolvimento. Porque, eu sou de São Bernardo do Campo, viu, Dilma? Eu sou de São Bernardo do Campo, e eu sou de uma era em que a indústria automobilística tinha quarenta... só a Volkswagen tinha 44 mil trabalhadores. Quando veio a crise em [19]80, que ela teve que mandar embora, no lugar onde a gente vivia uma vida muito boa, ficou muita gente empobrecida e as favelas cresceram. E nós não temos o direito de permitir que esse ciclo da perversidade, de governantes que não governavam, de governantes que não cuidavam, e permitiram que este país se transformasse em uma grande favela. É só olhar a periferia das grandes cidades.

Nós agora temos, Prefeito, que trabalhar com mais responsabilidade. E eu não estou jogando a culpa em cima de um prefeito, em cima de um governador. É responsabilidade do prefeito, do governador e do presidente da República não permitir que neste país surjam mais favelas, pessoas morando de forma inadequada na beira de córregos, na beira de encostas, que quando dá uma chuva nós sabemos o prejuízo que dá.

É isso que um investimento desses tem que garantir: garantir a sobrevivência humana, mas garantir que as pessoas, ao ter um trabalho, tenham casa e tenham condição de vida digna. E é isso que nós queremos fazer com os investimentos da Petrobras.

No mais, Gabrielli, eu só poderia te dar os parabéns pela coragem de fazer o investimento. É importante lembrar que, no auge da crise, no ano passado, muita gente que já tinha contratado até investimento no BNDES, parou de investir. E a Petrobras não parou de investir um centavo. Eu mesmo fui à China com o companheiro José Sergio Gabrielli pedir aos chineses que nós queríamos US\$ 10 bilhões emprestados, e os companheiros chineses nos emprestaram US\$ 10 bilhões, para a gente não parar as nossas obras. Agora, também nem precisamos mais, porque agora o BNDES também tem dinheiro



Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República

para emprestar. Agora, quem quiser fazer investimento, por favor, não reclame. Vá ao BNDES, que a gente quer garantir os investimentos neste país.

Um abraço, boa sorte e parabéns ao povo do Paraná. Parabéns aos trabalhadores da Repar.

(\$211A)